

A moral da moda

Rosane Feijão (FCRB)

Resumo

Vista durante muito tempo como uma ameaça principalmente às virtudes das mulheres, a moda passa a ter uma abordagem diferente no início do século XX no Rio de Janeiro. Em uma época em que a busca por distinção exigia que as novidades lançadas na Europa fossem acompanhadas com especial atenção, seguir a moda deixa de ser moralmente condenável para se configurar como um dos predicados essenciais de homens e mulheres modernos.

Abstract

Seen for a long time as a menace, especially to the virtue of the women, fashion wins a different approach in the beginning of the twentieth century in Rio de Janeiro. In this period, as the search for distinction required a close monitoring of the novelties emerged in Europe, following fashion was no more condemnable. It became one of the requirements of modern people.

Palavras-chave

Moda, história, imprensa.

Key words

Fashion, history, press.

Introdução

Os portugueses que chegaram ao Brasil no início do século XVI trouxeram com eles o fenômeno da moda. A partir de então, as normas . morais e sociais . desenvolvidas desde o final da Idade Média no continente europeu passaram a dominar a relação dos nativos e dos novos habitantes da terra com seus corpos e suas roupas. Tal afirmação não significa que as populações que aqui residiam anteriormente não fossem capazes de estabelecer suas próprias normas . tivessem elas ou não o corpo coberto por artefatos têxteis . mas que naquele momento houve um confronto entre

culturas tornado claro pela lógica que regia a construção da aparência pessoal de uma e outra sociedade e que uma delas prevaleceu.

Para as tribos que habitavam o território brasileiro, o corpo era tratado . enfeitado, vestido, pintado . da mesma maneira que outras manifestações culturais, ou seja, de forma a perpetuar o passado e as tradições, submetidas a normas inalteradas de geração em geração (LIPOVETSKY, 1989: 27). Para os europeus, desde o século XIV, os modelos a serem seguidos não se encontravam mais nos ancestrais, mas nos inovadores contemporâneos. Tal princípio se configura como uma das principais características do sistema de moda:

a moda faz parte estruturalmente do mundo moderno em devir. Sua instabilidade significa que o parecer não está mais sujeito à legislação intangível dos ancestrais, mas que procede da decisão e do puro desejo humano. Antes de ser signo da desrazão vaidosa, a moda testemunha o poder dos homens para mudar e inventar sua maneira de aparecer; é uma das faces do artificialismo moderno, do empreendimento dos homens para se tornarem senhores de sua condição de existência. (idem: 34)

Pelo menos desde o final do século XIII, a inconstância das preferências estéticas dos seguidores mais entusiasmados da moda já era alvo de críticas nas sociedades modernas ocidentais, que por esta época já haviam desenvolvido o gosto pela novidade típico do sistema de moda. A instabilidade e a estranheza das aparências tornaram-se objetos de questionamento, de espanto, de fascínio, ao mesmo tempo que alvos repetidos de condenação moral (idem: 31). Para os mais conservadores, as mudanças provocadas pela moda representavam a expressão máxima da decadência dos costumes, já que os novos estilos e formas poderiam abrir caminho não tanto e não somente a novas roupas, mas, sobretudo, a um novo modo de conceber a vida, a religião, a ética (CALANCA, 2008: 46). A maior parte das críticas eram dirigidas às mulheres e aos jovens, parcelas da população vistas como símbolos por excelência da falta de medida e do exagero no adornar-se:

Ambos, juntos, são identificados com comportamentos condenáveis: o mesmo luxo, a mesma orgia de roupas e de ornamentos os une. Mulheres e jovens cedem a modas indecentes e vergonhosas, juntos participam dos bailes, das diversões, das festas que acompanham os casamentos. Deles se deve esperar o pior, por sua falta de medida, sua fragilidade (...). Ambos constituem um obstáculo à paz e à salvação (Idem: 55/56).

Com o acirramento das questões religiosas no século XVII, a moda passa a ser vista como %uma força alienante e demoníaca+. Contaminando o universo com irracionalidade e inconstância, os %feitos ilusórios, artificiosos, antinaturais da mudança das aparências+ tornam-se uma ameaça aos fundamentos da religião (idem: 63). Em obra de 1642, intitulada %Contre Mode+, o autor M. de Fitelieu se mostra horrorizado com as conseqüências funestas que a moda operava sobre aqueles que a seguiam com maior ardor: as funções mais nobres que o corpo de um homem poderia desempenhar, afirmava Fitelieu, haviam sido comprometidas, corrompidas pelas riquezas materiais. Para este ferrenho crítico da moda, as mudanças nas aparências praticadas por seus contemporâneos pervertiam a natureza e criavam verdadeiros monstros que misturavam os gêneros, as idades, as nacionalidades e diferentes extratos sociais: ao invés de distingui-los, os trajes agora os confundiam (WAQUET, 1986: 91-104).

Mas nenhuma censura, fosse ela de ordem política ou religiosa, foi suficiente para frear o poder da moda como fenômeno estruturante das aparências. A moda encontrou defensores que proclamavam uma possível simbiose com a natureza, ao invés de sua degenerescência. Argumentava-se que os esforços empreendidos pelas mulheres para se manterem belas auxiliavam a manutenção e regeneração de seus corpos. Da mesma forma, a diversidade de cores dos trajes femininos se relacionava à dos frutos e flores e, ao adotar o ritmo das estações, a moda fundia-se à ordem universal da natureza (Idem, ibidem).

O século XIX

A segunda metade do século XIX dá início a uma nova fase na história da moda: o ritmo das transformações é marcado pela produção dos grandes costureiros, que vêm dar certa regularidade à produção de novidades após um período em que estas surgiam a todo momento, no final do Antigo Regime.

As camadas mais abastadas da sociedade brasileira acompanhavam com atenção as novas modas, buscando atualizar sempre que possível seu guarda-roupa com o que surgia em Londres e Paris. Apesar de essa atualização se fazer em grande parte através de revistas vindas da Europa, a maior parte delas de origem francesa, a imprensa nacional já produzia alguns

periódicos especializados em moda e outros que dedicavam boa parte de seu espaço ao assunto.

No Rio de Janeiro, no final do século XIX, o mais famoso entre os periódicos chamados "femininos" era *A Estação*, uma publicação quinzenal editada pela tipografia Lombaerts, que circulou regularmente no período de 15 de janeiro de 1879 a 15 de fevereiro de 1904. Mas havia também *Brazil Elegante*, um "jornal de modas" que atuava com o objetivo de dar subsídios para que suas leitoras pudessem vestir-se adequadamente para diferentes ocasiões, que iam de casamentos e viagens à vida cotidiana. Numa mesma edição poderiam ser vistos modelos de vestidos de gala, de *tailleurs* usados para passeios pela cidade e de roupas mais caseiras, como *robes de chambre*, *liseuses* e *deshabillées*.

Mas ao mesmo tempo em que divulgavam sofisticadas formas de vestir, tais veículos também publicavam artigos alertando para os perigos que cercavam aquelas que desenvolviam sede excessiva por novidades. O acompanhamento muito atento da moda era visto como um inimigo das virtudes que senhoras e senhoritas deveriam cultivar. Não é raro encontrar textos onde a moda é tratada como uma entidade caprichosa, portadora de vontade própria, capaz de seduzir e corromper senhoras e donzelas. Em um deles, a colunista a descreve como uma

graciosa e encantadora personalidade que nos fascina, seduz e governa, e que ora nos aparece no meio dos nossos sonhos, vestida como meiga fada envolvida na sombra misteriosa do imprevisto ordenando-nos que a sigamos às regiões do infinito por onde ella muitas vezes divaga, ora a vemos chegar até junto de nós, ostentando um luxo e riqueza que nos deixa completamente maravilhadas, conversar conosco, como a mais intima das amigas e oferecer-nos o fructo das suas investigações e apurados estudos para nos tornar bellas e elegantes. (*Brazil Elegante*, 16/07/1898)

Mas era preciso tomar cuidado com esta "amiga" tão sedutora: suas extravagâncias poderiam tornar suas seguidoras "ridículas". O adjetivo frequentemente usado para qualificar modismos mais polêmicos, sobretudo aqueles que tornavam mais visíveis as transformações do papel da mulher na sociedade. É o caso do artigo publicado em *Brazil Elegante* de 01 de agosto de 1898, francamente contrário ao novo corte do *tailleur* feminino, mais reto e

alongado, que o aproximava do feitio dos casacos masculinos. A mudança foi considerada uma idéia ~~bastíssima~~:

Que a moda e as suas favoritas que se lembraram de tão absurda idéia, se compenetrem que o movimento feminista não chegou ainda ao ponto de obrigar as senhoras a usar factos que só podem convir ao sexo masculino.

A mulher desempenha na vida e na sociedade um papel que nunca poderá ser transformado, razão demasiada para que a sua *toilette*, seja qual for a idéia que possa ter imperado no espirito da moda, não seja igualmente transformada.

Cada um no seu lugar, homens e senhoras todos irmãmente vestidos seria uma das maiores loucuras deste seculo.

Ao defender a manutenção dos modelos existentes, a colunista esclarece: ~~procedendo assim, cumpro apenas o dever que me impõe o cargo que tomei~~. Dever, ao que parece, mais educativo e disciplinador do que informativo. A posição conservadora da autora de tais textos é, por essência, oposta ao princípio motor da moda, que consagra as novidades e impõe constantes mudanças à construção da aparência pessoal. Mas, apesar de paradoxal, tal postura ainda fazia sentido naquele final de século XIX, em momento ainda anterior ao projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro, onde tais revistas circulavam.

Na França, nessa mesma época, a moda e aqueles que tinham prazer em segui-la já não eram mais condenados nem mesmo em periódicos consagrados à família, como é o caso de *Le Foyer - revue bi-mensuelle illustrée des connaissances pratiques de la Famille, de l'Hygiène et de la Santé*. Os alertas lançados contra a moda levantavam sobretudo questões higiênicas e de saúde. A coluna ~~Courrier de la Mode~~ da edição de 02 de novembro de 1895 pede cuidado às suas leitoras com a voga de golas excessivamente longas: elas eram, sem dúvida, belas e constituíam uma excelente proteção para a garganta naqueles primeiros dias de frio mais intenso, mas poderiam ocasionar certa rigidez à cabeça. Ao tratar de roupas de crianças na edição de 16 de novembro do mesmo ano, o colunista defende o direito das mães de quererem enfeitar seus filhos, mas aconselha que a estes seja propiciado certo conforto e liberdade de movimentos a fim de que se mantenham saudáveis e que cresçam fortes.

O século XX no Rio de Janeiro

Há, no entanto, um momento em que se pode perceber uma virada na postura cuidadosa em relação à moda que vinha sendo observada no país até mesmo pela imprensa especializada. Esse momento está diretamente ligado às transformações urbanas por que passou o Rio de Janeiro no início do século XX, durante a administração do Prefeito Pereira Passos. O projeto de modernização da cidade se estendia para muito além da dimensão puramente urbana. Foram feitos esforços e até mesmo projetos de lei para que os hábitos e vestes da população, especialmente a que freqüentava as áreas reformadas da cidade, se coadunasse com a modernidade buscada para a capital do país. A busca pela modernização das aparências teve como consequência uma significativa demanda por informações de moda, que agora dispensavam as lições de moral.

Um bom exemplo disso é a coluna *Através da Moda*, publicada na revista *O Mez* durante todo seu tempo de circulação, entre 1906 e 1907. Em uma das edições, o colunista constrói a história da moda a partir de uma visão lírica e fantasista, segundo a qual a Moda teria nascido

do encontro de dois seres do mesmo sexo ou de sexos diferentes, porque a casquilharia é um principio fundamental de todas as creaturas: no seu estado latente precisou de uma scentelha para desenvolver-se e esta scentelha foi naturalmente o amor! O amor e seus derivados a rivalidade, o ciúme: elementos bastantes suficientes para crearem a Moda, triumphar, avassalar um coração e suplantar uma rival. (*O Mez*, agosto de 1906)

Citando diversas civilizações, desde os assírios e egípcios até os tempos de então, o autor destaca o triunfo da moda, apesar dos muitos percalços por ela enfrentados:

Apezar da sua fútil apparencia, a Moda contorna os acontecimentos, ligando-a mesmo directamente à evolução humana. Assim como as nações, teve suas crises, insurreições, períodos de tranquillidade. Conheceu a perseguição e foi proscripta. Entretanto, cercada, perseguida, votada à execração dos séculos, continuou sua marcha ascendente, rindo-se das cóleras, dos editos e das leis sumptuarias, escarnecendo das autoridades, mostrando-se ainda mais fantástica, caprichosa, mesmo desconcertada, para vir até a nossa época, depois deste curso desenfreado, triumphante, conduzindo os destroços de um tempestuoso passado. (Idem)

Pode-se imaginar o efeito de tais palavras sobre as leitoras da época: depois de um percurso heróico, a moda agora dependia da bravura e

dedicação de suas admiradoras para que pudesse continuar a desenvolver seus ornatos originais+. E, sem sugerir qualquer culpa por seu envolvimento com o que já havia sido classificado anos antes como uma ameaça ao equilíbrio dos lares, uma seqüência de frases de efeito destaca os prazeres advindos da contínua produção de novidades de que aquela coluna se ocupava:

O coração da mulher rejubila-se com esta divina commoção de se ver enfeitada de cousas inéditas, dando à sua esthetica aspectos diversos. (...) Mas a Moda, graciosa leitora, apesar de não formular claramente o seu pensamento, não deixará por isso de merecer a vossa delicada ternura, sorrisos encantadores; ella vos envolve de nuvens, vos torna deusa, dando ao perfil uma forma graciosa, etherea, quase divina. Também vos circunda de atavios tão leves e frágeis, que parecem tecidos pela brisa odorante de algum Éden desconhecido. (Idem)

Em 1913, no texto de apresentação da revista *A moda do dia - Revista mensal de elegancia publicada no Rio de Janeiro*, a atenção para com a moda já havia deixado de ser tratada como *simples satisfação de um instinto+* para atingir o status de *um dever inilludível+* da mulher moderna, que tinha entre suas obrigações revelar à sociedade em que vivia, *imagens de elegância, de graça e de beleza+*. Incumbida de uma missão bastante diferente da cronista de *Brazil Elegante* do final do século XIX, a direção de *A moda do dia* empenha seus esforços para desvincular a moda de uma imagem negativa, passível de censura. Em editorial de 01/07/1913, lê-se:

Não constitue uma tarefa de diminuta importância a criação da moda; não é uma occupação de pequena monta collocar uma estampilha indiscutida no modelo que symbolizará a voga. Caprichosa, a moda deve ser cegamente adoptada, sem que se discutam os seus caprichos nem a sua oportunidade.

Às novas abordagens da moda, no entanto, não correspondiam necessariamente, representações mais evoluídas da mulher. O cuidado com a aparência continuava a ser, sob muitos aspectos, um jogo de sedução que mantinha os seres do sexo feminino numa relação de dependência e submissão:

Para o homem, inconstante e volúvel, a toilette da mulher parece ser um artifício que a renova e varia o seu prestigio. Graças às evoluções offerecidas pela Moda, Ella revelará sucessivos e diferentes aspectos, próprios a satisfazer a versatilidade masculina.

E a essa arte de transformação a mulher maravilhosamente se presta, retirando d~~phi~~ além das vantagens phisicas, uma utilidade moral.

Ella se adapta a todas as phantasias que a fértil invenção dos hábeis costureiros parisienses lhe propõe e, submettendo-se docilmente às imposições da Moda, eternamente mutável se manifesta aos olhos maravilhados do homem, reconhecidamente surpreso deante de tão aprazíveis visões.

A preocupação com a aparência e a busca de informações relativas à moda tornam-se, portanto, predicados imprescindíveis da mulher moderna e raramente são vistos, a partir de então, como algo condenável.

Moda masculina

Desde os primeiros anos do século XX, revistas ilustradas como *Fon-Fon!* e *Careta* passaram a publicar com freqüência artigos, notinhas e charges tendo por objeto a moda masculina. A elegância tornou-se uma preocupação constante dos cavalheiros que percorriam as áreas nobres da cidade, já que os deslizes dessa natureza não passavam despercebidos por jornalistas e colunistas sociais e rapidamente poderiam se tornar públicos através de notinhas depreciativas.

Apesar de o vestuário moderno masculino ter se formado a partir da idéia de sobriedade e despojamento, havia ali uma complexa combinação de símbolos que deveriam ser competentemente combinados de foram a inspirar respeito e admiração. Para compor uma aparência moderna, além de bom senso, fazia-se necessária a atualização constante das novidades que surgiam a todo momento nos grandes centros mundiais. A aparência dos homens de elite tinha que, ao mesmo tempo, refletir um bom conhecimento da moda e uma suposta pouca importância dada a ela, já que o trabalho e as idéias (políticas ou literárias) deveriam ser suas preocupações principais.

O equilíbrio entre o descaso, que poderia se confundir com desleixo, e o excesso, que caracterizaria um homem pouco sério, não era algo simples de ser alcançado. Aqueles que conseguiam combinar sobriedade com a dose certa de ousadia eram aplaudidos pela imprensa, que os chamava de *smarts*.

A moral que regia a aparência masculina preconizava o distanciamento das questões frívolas que cercavam as vestimentas, pois estas teriam supostamente deixado de ter importância na competição social em um mundo pós Revolução Francesa, a partir do estabelecimento da igualdade política entre os homens: as distinções não se expressariam mais pelos sinais

exteriores da roupa, mas através das qualidades pessoais de cada um (SOUZA, 1987:80). Mas não parece ser exatamente esta a opinião da revista *Fon-Fon!*, que disserta sobre o poder das aparências em editorial de 30/04/1910:

Roupa, ou melhor, o habito exterior, é, para as exigências da Civilização, o melhor documento de mérito. E é mesmo. Assim, à primeira vista, quem lhes parece mais inteligente? Aquele *veston* comprido, denunciando o corte moderno da thesoura elegante do Brandão, ou este modesto paletot sacco, cortado em grosso nos armazéns da Rua do Hospício?

Após desenvolver seu texto de forma a contrariar as expectativas, colocando em evidência a banalidade do discurso de seu amigo elegante em contraste com a inteligência e o talento literário do rapaz mais modesto, o autor se rende à lógica da sociedade em que vivia e aconselha:

Vejam vocês, eu mesmo gastei mais tempo de tratar do *veston* do que do paletot sacco. É assim a vida.

Veste-te bem se queres vencer... Não sei se o Marquez de Maricá registrou esta sentença. Talvez não. É que o Marquez viveu em outros tempos, mais ingênuos, naturalmente. Registro-a eu e acrescento: a roupa dá talento.

Fica claro, portanto, que o envolvimento com a moda pode se dar de várias maneiras: não é necessário cultivar adornos elaborados, como rendas e bordados, como o faziam os homens de corte dos séculos XVII e XVIII. Os dandies ingleses do século XIX são um exemplo de como uma atenção desmesurada com a aparência pode resultar em austeridade e aparente simplicidade.

Governada por uma moral ainda muito rígida, a sociedade carioca do início do século XX via com maus olhos qualquer desvio de comportamento. Talvez por isso as regras de elegância fossem tão precisas. E tanto as revistas de moda quanto as ilustradas, cada uma a seu jeito, se incumbiam de disseminar tais normas.

O artigo publicado na revista *A moda do dia* de março de 1914 é um exemplo de como poderiam ser específicas as informações sobre cortes, cores e tecidos das diferentes peças que compunham o guarda-roupa masculino:

Quanto à casaca, tem actualmente abas mais abertas; ellas são longas. Com uma casaca preta, o collete branco se impõe; deve ser de fustão e não mais de seda. Os botões são de madreperola, em numero de tres ou quatro, e muito proximos uns dos outros. A calça, menos larga, apresenta um galão lateralmente.

Não é de estranhar que tais trajes sejam freqüentemente comparados a uniformes. Os que se aventuravam a inovar corriam o risco de serem ridicularizados por suas escolhas pouco ortodoxas, especialmente se elas se davam no campo das cores. Os trajes coloridos haviam sido abandonados pelos homens à medida que se reforçavam as ligações entre a grande renúncia masculina e o mundo democrático burguês:

O traje masculino neutro, escuro, austero, traduziu a consagração da ideologia igualitária como ética conquistadora da poupança, do mérito, do trabalho das classes burguesas. O vestuário precioso da aristocracia, signo da festa e do fausto, foi substituído por um traje que exprime as novas legitimidades sociais: a igualdade, a economia, o esforço. (LIPOVETSKY, 1989: 91)

Nada disso impediu, no entanto, a moda de desenvolver códigos de distinção mesmo dentro de um ambiente tão austero. Pequenas mudanças passam a fazer toda a diferença e têm a capacidade de aumentar ou diminuir o prestígio daqueles que os adotam ou que deles se mantêm afastados (idem: 32). A revista *Fon-Fon!* publicou vários artigos tendo a cartola como tema, lamentando ou enaltecendo a tendência da moda de substituí-la pelo chapéu baixo. Usada como complemento da sobrecasaca preta, símbolo da mais alta formalidade, de ocasiões graves . visita de pazes ou felicitações de casamento, pedido de emprego ou missa de sétimo dia+ (*Fon-Fon!*, 30/07/1910), a cartola começa a cair em desuso quando as idéias de velocidade e leveza se tornaram importantes na formatação do vestuário masculino.

Em um tempo em que nenhum homem honrado saía à rua com a cabeça descoberta, as diversas possibilidades oferecidas pelos chapéus, com seus diversos formatos, materiais e maneiras de usar, constituíam uma preocupação a mais na vida daqueles que almejavam a elegância. Mas tal preocupação jamais deveria ser exteriorizada: elas eram próprias de tipos semelhantes ao que Lima Campos, em editorial da *Fon-Fon!* de 20 de agosto de 1910, descreve como *uma figura elegante, inútil e parva de um dos nossos Brumell, que vive para o alfaiate, que vive do alfaiate, porque é o alfaiate que o faz+*

Brumell, o primeiro dos dândies, introduziu na corte inglesa do final do século XVIII uma forma de vestir que se caracterizava por um despojamento

paradoxalmente espetacular, já que o usual naquele ambiente eram trajes intensamente ornamentados. Nossos *smarts*, mais de um século e muitas milhas distantes desse personagem misterioso e polêmico, ainda o tomavam como modelo, mas já não chocavam seus contemporâneos: tornaram-se, ainda segundo Lima Campos, simplesmente %alfaiateados+ . ou, para usar a expressão de Flora Sussekind (1987: 104), %personagens absolutamente figurinos+, mais imagem do que conteúdo.

Segundo Simmel (2008: 21), a moda nada mais faz do que obedecer ao fundamento fisiológico de nossa natureza, que pede movimento e repouso, produtividade e receptividade. A moda, diz ele, é produto de nossa alma, que oscila entre o desejo de fusão com nosso grupo social e o esforço individual para desse grupo nos destacarmos. Por estar ligada a questões essenciais, que atingem desde as esferas mais íntimas de nossas vidas, até as intensamente difundidas no âmbito social, a moda será sempre menos tolerada em ambientes onde mudanças são vistas com desconfiança.

Bibliografia

- CALANCA, Daniela. *História social da moda*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.
- LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções . Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- SIMMEL, Georg. *Filosofia da moda e outros escritos*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.
- SOUZA, Gilda Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das letras . literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- WAQUET, Françoise. *La mode au XVIIe siècle: de la folie à l'usage*. In: Cahiers de l'Association Internationale des études françaises. 1986, n. 38, pp. 91-104.

Revistas pesquisadas:

- A Estação, 1895.
- A Moda do Dia, 1913-14.

Brazil Elegante, 1898.

Fon-Fon!, 1910.

Le Foyer, 1895.

O Mez, 1906-07.